



Relato de experiência – Teatro do Oprimido e Comunicação Popular em sala de aula¹

Marise Baesso Tristão, Centro Universitário Academia²

Palavras-chave: Jornalismo; Narrativas; Inteligência Artificial; Sala de Aula; Experimento.

Resumo expandido:

A experiência foi realizada com os alunos do quarto período da disciplina Narrativas Jornalísticas, no segundo semestre de 2024, tendo como referência teórica os princípios da Comunicação Popular, de Cícilia Peruzzo (2024), e o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1991). A proposta surgiu do desejo de aproximar estudantes das práticas comunicacionais que estimulam a crítica social, a escuta coletiva e a expressão das vozes historicamente silenciadas. Para isso, buscamos a inspiração primeira em Boal: “todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas”. (Boal, 1991, p. 13). Depois, inspirados na estrutura da Escolinha do Professor Raimundo, programa exibido na TV Globo e comandado por Chico Anysio, os alunos criaram uma encenação em que cada participante representava um personagem para abordar temas ligados às minorias sociais.

A atividade, denominada Comunicação Popular e sua importância crítica, propôs um diálogo entre humor e consciência política, utilizando o formato popular do programa como estratégia de linguagem acessível e provocadora. Cada personagem trouxe à cena discussões sobre reforma agrária, gênero, raça, orientação sexual, desigualdade social, capacitismo e outras formas de exclusão. Através da performance, refletiram sobre como as narrativas midiáticas e culturais reforçam ou questionam estereótipos e, ao mesmo tempo, exercitaram a autoria narrativa a partir da perspectiva do oprimido.

¹ Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2025 de Ensino de Jornalismo – GP Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino

² Doutora em Comunicação pela UFF, mestre em Comunicação pela UFJF e professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade do UniAcademia. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mercado e Trabalho



O exercício também contou com o apoio da Inteligência Artificial como ferramenta pedagógica. Os alunos utilizaram o ChatGPT para auxiliar na criação dos textos e falas dos personagens, explorando o potencial criativo e reflexivo dessas tecnologias no campo da comunicação. A proposta foi construída de forma crítica, discutindo os limites e as possibilidades do uso da IA na produção de conteúdo e no fortalecimento da expressão coletiva. Ao final, a atividade revelou-se uma experiência potente de aprendizagem: os alunos compreenderam que narrar é também um ato político e que o humor pode ser um instrumento de resistência e conscientização. O teatro, nesse contexto, funcionou como um espaço de escuta, diálogo e reconstrução simbólica da realidade — em consonância com o ideal de Boal de transformar o espectador em protagonista da ação.

Durante a apresentação, tivemos diálogos voltados para todos os públicos. A personagem Tati, vivida pela aluna Amanda Alves Duarte, falou sobre a sedução dos jovens pelas redes sociais. Em seu diálogo com a aluna, o Professor Raimundo tenta mostrar a lógica capitalista e como os jovens subestimam a importância da formação educacional em prol de uma vida mais fácil. Tati é um reflexo caricato e crítico de uma juventude imediatista e facilmente influenciável por escolhas superficiais. Dona Cacilda, vivida pela aluna Ana Clara Corrêa Santos, trouxe temas como assédio e movimento LGBTQIAPN+. O aluno Eduardo Oliveira, que viveu a dona Thália, fez a seguinte reflexão após o trabalho: “A experiência mostrou que é possível criar um ambiente leve e divertido, mas que, ao mesmo tempo, levanta reflexões sobre questões sociais. Nycolas Daibert, aluno que encarnou o seu Rolando Lero, afirmou: “A gente realmente teve que sair da zona de conforto, mergulhar nos personagens e fazer essa mistura dos dois mundos. O mais legal foi poder refletir sobre os temas que foram abordados, porque, no fim das contas, essa é uma das coisas que a gente, como futuros comunicadores, precisamos fazer: pensar, questionar e, quando necessário, denunciar.” Tivemos muitos outros personagens, que ajudaram a construir todo o processo.

Enfim, a turma de Narrativas Jornalísticas criou um projeto inspirador. Criatividade, reflexão e aprendizado estiveram juntos. Com o suporte da IA e utilizando reportagens com temáticas daquele momento, os alunos exploraram temas atuais e relevantes, focando em questões que envolvem as minorias. O processo rendeu uma abordagem crítica e criativa ao



dar vida a personagens icônicos e transformá-los em vozes ativas para discutir injustiças, desigualdades e outras questões que afligem a sociedade contemporânea.

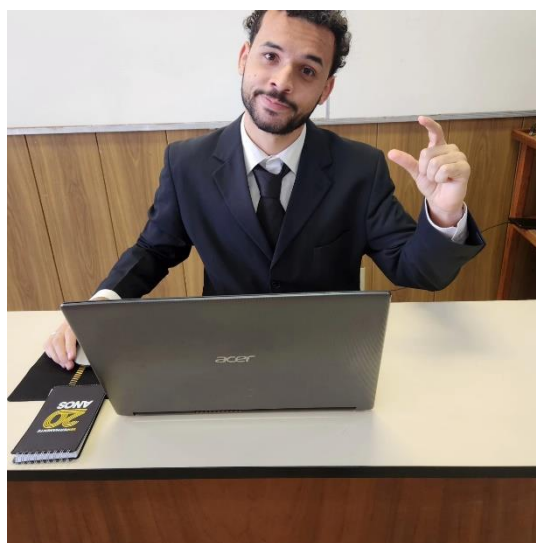
Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991

Peruzzo, Círcia Maria Krohling **Fundamentos teóricos da comunicação popular, comunitária e alternativa** [recurso eletrônico] / Círcia Maria Krohling Peruzzo. - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Edufes, 2024. 266 p. ;

Imagens e vídeo da aula:

<https://www.facebook.com/100002255868096/videos/pcb.8780307002054408/382523591549860>





ABEJ **Uniacademia**
Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo
Centro de Estudos em Jornalismo

III EREJOR SUDESTE

Encontro Regional Sudeste
de Ensino de Jornalismo

📅 13 e 14
NOV

📍 Uniacademia
(Juiz de Fora, MG)

Jornalismo para um mundo em transição

